

Debates urgentes

Por admin · 11/11/2014

[Sistema Cantareira, divulgação/Sabesp](#)

Sistema Cantareira, divulgação/Sabesp

Ecosocialismo, decrescimento e Buen Vivir

Apresentado pela filósofa **Isabel Loureiro** como “um marxista insubordinado”, o sociólogo **Michael Löwy** conversou sobre os temas decrescimento, capitalismo verde e bem viver no auditório da Fundação Rosa Luxemburgo no início de novembro.

[_Isabel-Lowy_casa-do-povo](#)

Isabel Loureiro e Michael Löwy. (Foto de Gerhard Dilger, Casa do Povo, 2014)

Em setembro deste ano, ocorreu a [Degrowth – Quarta Conferência Internacional sobre Decrescimento para a Sustentabilidade Ecológica e Equidade Social](#), reunindo mais de 3 mil pessoas na cidade de Leipzig, Alemanha. A Fundação Rosa Luxemburgo, inclusive, participou levando uma delegação latino-americana. Michael Löwy comentou a movida pelo decrescimento, colocando suas muitas qualidades e alguns problemas.

Uma qualidade positiva do movimento seria desmistificar a crença que se estabeleceu sobre a necessidade do crescimento. “Muitos governos europeus ficam rezando para um deus enviar o crescimento”, ironiza Löwy, comentando sobre a crença fanática que impõe o dogma da expansão a qualquer custo, “o crescimento não é só uma ideologia, mas é uma necessidade intrínseca do sistema capitalista”. O termo em francês (*décroissance*), inclusive, alude a essas dimensões: crescimento (*croissance*) e credo (*croyance*).

Dentro da militância pelo decrescimento, há uma constelação de movimentos. Longe de serem homogêneos, há desde setores minoritários que ainda acreditam em uma agenda de decrescimento dentro do capitalismo, o que Löwy diz ser uma ilusão total. Também há correntes que identificam o adversário como “o ocidente, a filosofia das luzes, a ciência”, sem ter uma noção clara sobre contra quem estão lutando. Por fim, uma parcela dos militantes entende que o capitalismo em si é o que deve ser questionado e estariam mais próximos à noção de ecossocialismo.

O sociólogo questiona também o uso da palavra “decrescimento”. A alternativa não é meramente quantitativa, “crescer menos”, e sim qualitativa. Não precisaríamos produzir submarinos atômicos e tantos automóveis, exemplifica. A estratégia seria desenvolver outras matrizes energéticas, a agricultura orgânica e a educação.

A conversa ainda caminhou para discutir o paradoxo da expressão capitalismo verde. Não é possível existir um *capitalismo verde* – há uma mistificação a respeito do tema economia sustentável, que nada mais faz do que criar novas demandas de consumo a partir da emergência de problemas sérios.

Michael Löwy ressalta a importância de recusar as alternativas falsas. “O capitalismo nos oferece duas alternativas, uma pior do que a outra: ou ele deixa de crescer, daí é crise, desemprego, catástrofe social; ou ele cresce e até pode

melhorar um pouco o emprego ou nem isso, mas segue na destruição e nos aproxima mais rapidamente da catástrofe ambiental. Não queremos escolher entre essas duas alternativas”. O que se propõe é um rumo diferente.

[IMG_0096](#)

Perguntas da plateia no auditório da
Fundação Rosa Luxemburgo.

Crise da água e agronegócio

Isabel Loureiro ponderou que as considerações ecologistas seriam ainda marginais dentro da esquerda e que diz não entender razão para otimismo diante de um governo a favor do agronegócio. A filósofa ressalta o problema da percepção sobre o tema ambiental. Disse que somente pela via da “pedagogia da catástrofe” as pessoas se dariam conta da dimensão do problema – por exemplo, seria preciso então que secasse toda a água do Estado de São Paulo para que se dessem conta desta urgência?

Loureiro chamou a atenção para o *consenso das commodities* brasileiro – um crescimento nacional acelerado apoiado no agronegócio, sem levar em conta seus efeitos colaterais extremamente danosos. Lembra ainda que é o agronegócio o principal consumidor de água, antes mesmo da pecuária, da indústria ou dos habitantes da cidade: “exporta-se água junto com a soja”.

Löwy e Loureiro contestam a ideologia que afirma que a revolução verde teria provido alimentação para a humanidade. No caso do Brasil, a alimentação popular ainda está associada à agricultura familiar, muito mais harmônica com o meio ambiente. Michael Löwy recorda outras consequências do desequilíbrio ambiental causado pelo agronegócio, como a seca que se instaurou no Estado de São Paulo

que teria relação com o desmatamento da mata na Amazônia.

O bate-papo terminou mencionando a importância de se pensar o que seja o “*Buen Vivir*”, uma aposta em estratégias além do capitalismo, assim como na urgência de se organizar coletivamente, debater os temas e apresentar demandas. É um tema central do trabalho da Fundação Rosa Luxemburgo na América Latina.

Para saber mais sobre o tema

[*O que é Ecosocialismo?*](#) Livro de Michael Löwy, editora Cortez, 2ª edição de 2014.

[*This Changes Everything: Capitalism versus The Climate*](#). Livro de Naomi Klein (em inglês), Simon & Schuster, 2014.

[*O veneno está na mesa 2*](#). Filme sobre agroecologia, atualiza e avança na abordagem do modelo agrícola nacional atual e de suas consequências para a saúde pública. Faz parte da Campanha Permanente contra os Agrotóxicos e pela Vida. Dir. de Sílvio Tandler.

[*América Latina Piensa - el gigante y sus fronteras*](#). A série possui 11 vídeos com o propósito de debater consumismo, transações, política e diversidade, colocando em um novo eixo o debate sobre meio ambiente (em espanhol). Este que indicamos é o capítulo nº 4, que trata de Brasil e Paraguai.

Texto de Ana Rüsche. Fotos de Elis Soldatelli e Gerhard Dilger.